

HOWARD S. BECKER

FALANDA e SOCIEDADE

ENSAIOS SOBRE AS
DIFERENTES MANEIRAS
DE REPRESENTAR O SOCIAL

 ZAHAR

HOWARD S. BECKER
FALANDODA
SOCIEDADE

**ENSAIOS SOBRE AS DIFERENTES MANEIRAS
DE REPRESENTAR O SOCIAL**

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges

Consultoria técnica:
Karina Kuschnir
IFCS/UFRJ

 **ZAHAR**
Rio de Janeiro

*À memória de Michèle de la Pradelle, Dwight Conquergood,
Alain Pessin e Eliot Freidson, amigos e intelectuais.*

Sumário

Prefácio

PARTE 1 | IDEIAS

1. Falando da sociedade
2. Representações da sociedade como produtos organizacionais
3. Quem faz o quê?
4. O trabalho dos usuários
5. Padronização e inovação
6. O resumo dos detalhes
7. A estética da realidade
8. A moralidade da representação

PARTE 2 | EXEMPLOS

9. Parábolas, tipos ideais e modelos matemáticos
10. Diagramas: pensar com desenhos
11. Sociologia visual, fotografia documental e fotojornalismo
12. Drama e multivocalidade: Shaw, Churchill e Shawn
13. Goffman, linguagem e a estratégia comparativa
14. Jane Austen: o romance como análise social
15. Os experimentos de Georges Perec em descrição social
16. Italo Calvino, urbanologista

Epílogo: *Finalmente...*

Notas

Referências bibliográficas

Crédito das ilustrações

Agradecimentos

Índice remissivo

2. Representações da sociedade como produtos organizacionais

As pessoas que coletam fatos sobre a sociedade e os interpretam não começam do zero a cada relato que fazem. Usam formas, métodos e ideias que algum grupo social, grande ou pequeno, já tem à sua disposição como uma maneira de fazer esse trabalho.

Relatos sobre a sociedade (lembre-se de que *representação* e *relato* referem-se à mesma coisa) fazem mais sentido quando os vemos num contexto organizacional, como maneiras pelas quais algumas pessoas contam o que pensam saber para outras pessoas que querem saber, como atividades organizadas, moldadas pelos esforços conjuntos de todos os envolvidos. É um erro que gera confusões enfatizar substantivos em lugar de verbos, objetos em lugar de atividades, como se investigássemos tabelas, diagramas, etnografias ou filmes. Faz mais sentido ver esses artefatos como os restos congelados da ação coletiva, reanimados sempre que alguém os emprega — como pessoas que fazem e leem diagramas ou prosa, fazem e assistem a filmes. Deveríamos compreender a expressão um *filme* como uma abreviatura para a atividade de “fazer um filme” ou “ver um filme”.

Essa é uma distinção relevante. A concentração no objeto desvia nossa atenção para as capacidades formais e técnicas de um meio: quantos bits de informação uma tela de televisão com determinado grau de resolução pode transmitir? Um meio puramente visual pode comunicar noções lógicas como causalidade. A concentração na atividade organizada, por outro lado, mostra que aquilo que um meio pode fazer está sempre em função do modo como as limitações organizacionais afetam seu uso. O que as fotografias podem transmitir depende em parte do orçamento do projeto fotográfico, que limita quantas fotos podem ser tiradas e como elas podem ser exibidas, quanto dinheiro será gasto com elas (em outras palavras, quanto tempo de fotógrafo será pago), e da quantidade e do tipo de atenção que os observadores dedicarão à sua interpretação.

Encarar relatos sobre sociedade do ponto de vista organizacional significa introduzir na análise todos os aspectos das organizações em que eles são feitos: estruturas burocráticas, orçamentos, códigos profissionais, características e aptidões do público — tudo isso tem um efeito importante no falar sobre a sociedade. Trabalhadores decidem como fazer representações vendo o que é possível, lógico, exequível e desejável, dadas as condições sob as quais as realizam e as pessoas para quem as expõem.

Faz sentido falar, numa analogia grosseira com a ideia de um mundo da arte,¹ de mundos de produtores e usuários de representações: os mundos do filme documentário ou dos gráficos estatísticos, da modelagem matemática ou das monografias antropológicas. Esses mundos consistem em todas as pessoas e artefatos cujas atividades de produção e uso centram-se num tipo particular de representação: todos os cartógrafos, cientistas, coletores de dados, impressores, desenhistas, corporações, departamentos de geografia, pilotos, capitães de navio, motoristas e pedestres cuja cooperação torna possível um mundo de mapas, por exemplo.

Esses mundos diferem no conhecimento e no poder relativos de produtores e usuários. Em mundos altamente profissionalizados, os profissionais fazem artefatos sobretudo para uso por parte de outros profissionais: pesquisadores científicos elaboram seus relatórios e registros para colegas que sabem tanto (ou quase tanto) sobre o trabalho quanto eles.² No caso extremo, produtores e usuários são as mesmas pessoas — uma situação praticamente realizada em mundos tão esotéricos quanto o da modelagem matemática.

Membros de mundos mais diferenciados em geral partilham de algum conhecimento básico, apesar das diferenças em seu trabalho efetivo. É por isso que estudantes de sociologia que jamais se dedicarão ao trabalho estatístico aprendem as mais modernas versões da análise estatística de múltiplas variáveis. Outros profissionais, no entanto, fazem grande parte de seu trabalho para usuários leigos: cartógrafos traçam mapas para motoristas que só sabem de cartografia o bastante para chegar à próxima cidade, e cineastas fazem filmes para pessoas que nunca ouviram falar de *jump cut*. (Claro que esses profissionais em geral se preocupam também com o que seus pares profissionais pensarão de seu trabalho.) Leigos contam histórias, fazem mapas e anotam números uns para os outros também. O que é feito, comunicado e compreendido varia entre essas modalidades típicas de contextos.

Isso torna inútil falar abstratamente de meios ou formas, embora eu já o tenha feito e vá continuar a fazê-lo. Termos abstratos como *filme* ou *tabela estatística* não apenas demandam verbos de ação como *fazer* e *ver* para ter sentido, como são também a abreviatura para formulações mais específicas contextualmente, como *tabelas feitas para o censo* ou *longas-metragens de grande orçamento feitos em Hollywood*. As limitações organizacionais do censo e de Hollywood são mais bem concebidas como partes integrantes dos artefatos produzidos nesses lugares. Assim, meu foco difere de outro mais comum e convencional, que trata o artefato como a coisa principal, e as atividades pelas quais ele é produzido e consumido como secundárias.

A forma e o conteúdo das representações variam porque as organizações sociais variam. Organizações sociais moldam não apenas o que é feito, mas também o que os usuários querem que as representações façam, que trabalho consideram necessário (como encontrar o caminho para a casa do seu amigo ou saber quais são as últimas descobertas em seu campo) e que padrões usarão para julgá-lo. Como os trabalhos que os usuários querem que as representações façam dependem tão fortemente de definições organizacionais, não estou preocupado com o que muitos pensam ser um importante problema metodológico (de fato, o problema): dado um trabalho representacional particular a ser feito, qual a melhor maneira de fazê-lo? Se esta fosse a questão, poderíamos estabelecer uma tarefa — comunicar uma série de números, por exemplo — e depois ver qual modo de organizar uma tabela ou um diagrama comunicaria essa informação de maneira mais fiel, adequada e eficiente (assim como comparamos computadores observando com que rapidez conseguem encontrar números primos).

Evitei julgamentos sobre a adequação de qualquer modo de representação, sem tomar qualquer um deles como o padrão de comparação em relação ao qual todos os outros métodos deveriam ser julgados. Nem adotei a posição ligeiramente mais relativista segundo a qual, embora os trabalhos a fazer possam diferir, há uma maneira melhor de fazer cada tipo de trabalho. Isso tampouco é um ascetismo relativístico da minha parte. Parece mais útil, mais favorável a uma nova compreensão das representações, pensar em todos os modos de representar a realidade social como *perfeitos...* para alguma coisa. A questão é: *para que* alguma coisa é boa? A resposta para isto é organizacional: uma vez que a organização dessa área da vida social tenha feito um (ou mais) trabalhos, a representação deve fazer aquele(s) que precisa(m) ser realizado(s), e tanto usuários quanto produtores julgarão cada método segundo sua eficiência e confiabilidade na produção do resultado mais satisfatório — ou talvez apenas de um resultado menos insatisfatório — que as outras possibilidades disponíveis.

Apesar de diferenças superficiais entre gêneros e meios, os mesmos problemas fundamentais ocorrem em todos eles. A influência de orçamentos, o papel da profissionalização, que conhecimento os públicos devem ter para que uma representação seja eficaz, o que é eticamente permitido ao se fazer uma representação — tudo isso é comum a todas as formas de construção de representação. O modo como esses problemas são enfrentados varia de acordo com recursos organizacionais e

objetivos.

Essas questões são debatidas em todos os campos que representam. Romancistas preocupam-se com os mesmos dilemas éticos que sociólogos e antropólogos, e cineastas partilham a preocupação dos cientistas sociais com os orçamentos. A literatura relativa a esses debates e observações e entrevistas informais nesses campos proporcionaram-me uma grande quantidade de dados. Considerarei também muito úteis trabalhos na sociologia da ciência voltados para problemas de representação e retórica.³

Transformações

Os cientistas, como Bruno Latour os descreve, transformam continuamente seus materiais. Começam com uma observação no laboratório ou no campo e transformam isso em matéria escrita num caderno; depois transformam essas anotações em tabela, a tabela em diagrama, o diagrama em conclusão, a conclusão no título de um artigo. A cada passo, a observação se torna mais abstrata, mais divorciada da concretude de seu contexto original. Latour mostra, numa descrição de especialistas em manejo de solo franceses que trabalham no Brasil, como essas transformações ocorrem:⁴ um torrão se torna uma evidência científica quando o pesquisador o coloca numa caixa e o integra a uma série de torrões similares, comparáveis, de outras partes do terreno sob estudo. É este, diz Latour, o trabalho da ciência: transformar objetos de modo que possam ser usados para “mostrar” ou “demonstrar” aquilo de que o cientista quer convencer os outros.

Os pesquisadores efetuam essas transformações de maneiras padronizadas, empregando instrumentos típicos para realizar operações típicas sobre materiais típicos e relatar os resultados sob formas padronizadas, destinadas a dar aos usuários aquilo de que precisam para julgar as ideias apresentadas, sem os sobrecarregar com outros materiais de que não precisam. O que é preciso é estabelecido por convenção. Precisamos de tudo que responda a possíveis questões e de nada relacionado ao que ninguém questionará. Podemos procurar operações semelhantes na elaboração de todo tipo de representação da vida social. Com que matérias-primas o produtor começará? A que transformações ele submeterá os materiais?

Latour diz que o destino de um argumento ou achado científico está sempre nas mãos de usuários posteriores: eles decidem se será rejeitado ou acatado e incorporado ao corpo de fatos aceitos por todos nessa ciência.⁵ É sempre uma questão relevante quais usuários tomam essas importantes decisões.

Em alguns mundos a representação logo deixa o mundo “interno” dos produtores, especialistas e conhecedores e penetra mundos leigos, nos quais aquilo que os usuários fazem dos objetos pode ser consideravelmente diferente do que os produtores pretendiam. Estes tentam controlar o que os usuários fazem de suas representações, introduzindo nelas restrições que limitam os usos e interpretações possíveis por parte dos observadores. Mas os autores frequentemente passam pela estranha experiência de ouvir os leitores explicarem que sua obra significa algo que eles se esforçaram enormemente para impedir que significasse.

Aqui está uma lista de perguntas interessantes a fazer sobre as transformações pelas quais os materiais passam nas mãos de produtores e usuários em qualquer mundo representacional:

- Que rota o objeto segue depois que deixa os produtores originais?
- Que fazem dele as pessoas em cujas mãos ele cai em cada estágio?
- Para que elas precisam dele ou o querem?

- Que equipamento elas têm para interpretá-lo?
- Que elementos, incorporados no objeto, restringem a observação e a interpretação?
- Como os produtores interceptam interpretações alternativas?
- Como eles impedem os usuários de fazer isto ou aquilo com ele?
- Latour diz que um fato científico é uma afirmação que resistiu a testes que tentaram negar sua existência.⁶ Quem aplica quais testes a representações da sociedade?
- Em que arenas típicas de testagem as representações são apresentadas (revistas, teatros etc.), e onde as pessoas interessadas em ver se elas são verdadeiras as testam?

A feitura de representações

Qualquer representação da realidade social — um filme documentário, um estudo demográfico, um romance realista — é necessariamente parcial, é menos do que experimentaríamos e teríamos à nossa disposição para interpretar se estivéssemos no contexto real que ela representa. Afinal, é por isso que se fazem representações: para relatar apenas aquilo de que os usuários precisam para realizar o que quer que queiram fazer. Uma representação eficiente nos diz tudo que precisamos saber para nossos objetivos, sem perder tempo com aquilo de que não precisamos. Como todos esperam que esses artefatos sejam assim adequados, produtores e usuários de representações devem realizar várias operações sobre a realidade que experimentam para obter a compreensão final que querem comunicar. A organização social afeta a feitura e o uso da representação ao afetar o modo como os produtores levam a cabo essas operações.

SELEÇÃO: Cada meio, em qualquer de seus empregos convencionais, exclui grande parte da realidade, de fato a maior parte. Mesmo os meios que parecem mais abrangentes que as palavras e os números abstratos de que os cientistas sociais costumam lançar mão deixam praticamente tudo de fora. Filme (imóvel ou móvel) e vídeo excluem a terceira dimensão, os cheiros e as sensações táteis, e são inevitavelmente pequenas amostras do intervalo de tempo durante o qual os eventos representados tiveram lugar (embora o filme de Andy Warhol *Empire State* durasse as oito horas completas do evento que retratava — uma pessoa dormindo). Representações escritas em geral, mas não necessariamente, omitem todos os elementos visuais da experiência (os leitores ainda ficam surpresos quando um romancista como W.G. Sebald incorpora fotografias à sua história).⁷ Todo meio exclui tudo que ocorre depois que cessamos nossas atividades representacionais. Ele descreve o que ocorre até certo momento, e depois para. Alguns sociólogos salientam que as representações numéricas deixam de fora o elemento humano, ou as emoções, ou o significado simbolicamente negociado — esses estudiosos recorrem ao critério da completude para criticar um trabalho de que não gostam. Mas ninguém, nem usuários nem produtores, jamais considera a incompletude em si mesma um crime. Em vez disso, reconhecem-na como a maneira como esse tipo de coisa é feita. Mapas rodoviários, interpretações extremamente abstratas e incompletas da realidade geográfica que representam, satisfazem até ao crítico mais severo das representações incompletas. Eles contêm apenas aquilo de que os motoristas precisam para ir de um lugar a outro (mesmo que por vezes desorientem os pedestres).

Como qualquer representação sempre e necessariamente exclui elementos da realidade, as questões interessantes e passíveis de investigação são estas: quais dos elementos possíveis são incluídos? Quem considera essa seleção razoável e aceitável? Quem se queixa dela? Que critérios as pessoas aplicam quando fazem esses julgamentos? Alguns critérios, para sugerir as possibilidades, relacionam-se a gênero (“se não incluir isto [ou se incluir aquilo], não é realmente um romance [ou

fotografia, ou etnografia, ou tabela, ou ...”); ou os *verdadeiros* profissionais (“é assim que estatísticos [ou cineastas, ou historiadores, ou ...] sempre fazem isso”).

TRADUÇÃO: Penso em tradução como uma função que transpõe um conjunto de elementos (as partes da realidade que os produtores querem representar) para outro conjunto de elementos (aqueles fatores convencionais disponíveis no meio tal como são correntemente usados). Antropólogos transformam suas observações *in loco* em anotações de campo, a partir das quais constroem uma descrição etnográfica padronizada; pesquisadores de recenseamento transformam entrevistas de campo em números, a partir dos quais criam tabelas e diagramas; historiadores combinam suas fichas de arquivo em narrativas, perfis de personalidades e análises; cineastas editam e montam filmagens brutas em sequências, cenas e filmes. Usuários de representações jamais lidam com a própria realidade, mas com a realidade traduzida para materiais e linguagens convencionais de um gênero particular.

Maneiras habituais de representações dão aos produtores um conjunto usual de elementos para utilizar na construção de seus dispositivos, inclusive materiais, e suas capacidades: películas com uma sensibilidade particular à luz, muitos grãos de material sensível à luz por centímetro quadrado, um grau particular de resolução, que torna possível a representação de elementos de certo tamanho, mas não menores; elementos conceituais, como a ideia de enredo ou personagem na ficção; e unidades convencionais de significado, como os *wipes* (transição), *fades* e outros truques transicionais de cinema que indicam a passagem do tempo.

Os produtores esperam que elementos típicos tenham efeitos típicos, de modo que os consumidores de representações feitas com esses efeitos respondam de maneiras típicas. E os usuários esperam a mesma coisa em sentido inverso: que os produtores se sirvam de elementos típicos, com que estão familiarizados e aos quais sabem responder. As representações feitas quando essa condição está presente — quando tudo funciona exatamente como é compreendido por todas as partes envolvidas — são “perfeitas”. Tudo funciona exatamente como todos esperam. Mas essa condição jamais existe completamente. Os materiais não se comportam como dizem os anúncios. O público não compreende o que o produtor pensou que compreenderia. A linguagem disponível não pode, afinal, expressar a ideia do produtor. Que acontece quando essas representações inevitavelmente inadequadas são apresentadas a um público que não sabe o que deveria saber? Com muita frequência, a maioria das pessoas, tanto produtores quanto usuários — e especialmente aqueles cuja opinião conta, porque são poderosos e importantes —, reage de maneira bastante próxima ao que os produtores originais pretendiam de modo que os resultados sejam “aceitáveis” para todos os envolvidos.

Os critérios que definem a aceitabilidade variam. Consideremos a questão da “transparência” da prosa, das tabelas e figuras que as pessoas usam para relatar resultados científicos. Tanto os produtores quanto os usuários de representações científicas gostariam que as linguagens verbal, numérica e visual que empregam em seus artigos e relatórios fossem os típicos elementos neutros que nada acrescentam ao que está sendo relatado. Como uma vidraça limpa, permitiriam que os resultados fossem vistos através deles, sem serem afetados. Kuhn, como observei antes, argumentou convincentemente que essa linguagem científica descritiva “transparente” não é possível, que todas as descrições são “carregadas de teoria”.⁸ Mais relevante ainda: claro que até a largura das barras num diagrama de barras e o tamanho e o estilo dos tipos numa tabela, para não falar dos substantivos e adjetivos numa etnografia ou narrativa histórica, afetam nossa interpretação do que é relatado. Barras largas num diagrama fazem com que as quantidades nos pareçam maiores do que pareceriam

se elas fossem estreitas. Quando chamamos convencionalmente usuários de drogas ilegais de “dependentes” ou “viciados”, comunicamos muito mais que um “fato” cientificamente definido. Mas todos esses métodos de retratar a realidade social foram considerados aceitáveis por públicos científicos e leigos, cujos integrantes aprenderam a aceitar, ignorar ou não levar em conta os efeitos indesejados dos elementos comunicativos que aceitavam como padrão.

Os elementos típicos têm as características já encontradas em investigações de mundo feitas pela arte. Tornam possível a comunicação de ideias e fatos criando uma abreviatura conhecida por todos que precisam do material. Simultaneamente, porém, limitam o que um produtor pode fazer, porque cada conjunto de traduções torna mais fácil dizer certas coisas e mais difícil dizer outras. Para tomar um exemplo contemporâneo, cientistas sociais convencionalmente representam a discriminação de raça e gênero presente nas promoções no emprego com uma equação de regressão múltipla, técnica estatística usual cujos resultados mostram que proporção da variação em promoções entre subgrupos numa população se deve aos efeitos independentes de variáveis isoladas como raça, gênero, educação e tempo de trabalho. Mas como Charles Ragin, Susan Meyer e Kriss Drass mostraram, essa maneira de representar a discriminação não responde às perguntas formuladas por sociólogos interessados em processos sociais gerais, ou tribunais que tentam decidir se as leis contra a discriminação racial foram violadas.⁹ Os resultados de uma regressão múltipla não podem nos dizer como as chances de promoção para um homem branco e jovem diferem das de uma mulher negra e de meia-idade; eles só podem nos dizer o peso de uma variável como idade ou gênero numa equação, o que não é em absoluto a mesma coisa. Ragin, Meyer e Drass defendem que se considere outro elemento estatístico típico: o algoritmo booleano,¹⁰ que representa a discriminação como as diferenças em chances de promoção para uma pessoa com uma combinação particular daqueles atributos em relação a taxas médias relativas a uma população inteira. É *isso* o que cientistas sociais e tribunais querem saber.¹¹

Algumas limitações ao que uma representação pode nos dizer surgem da maneira como a atividade representacional é organizada. Orçamentos limitados do ponto de vista organizacional — tanto dinheiro quanto tempo e atenção — limitam o potencial de meios e formatos. Livros e filmes são tão longos quanto permitido aos produtores pelas condições que eles têm; além disso, são limitados pela quantidade de atenção que os usuários se dispõem a lhes dar. Se os produtores tivessem mais dinheiro e os usuários se dispusessem a lê-las, as etnografias deveriam conter todas as anotações de campo feitas pelos antropólogos e todos os passos do processo analítico (o que Clyde Kluckhohn pensava ser a única maneira de publicar materiais sobre uma história de vida¹²). Esses elementos ainda podem ser oferecidos, mas não por um preço, em termos de tempo e dinheiro que alguém queira pagar.

ARRANJO: Uma vez escolhidos e traduzidos os elementos da situação, os fatos que uma representação descreve, as interpretações que faz deles, deve ser arranjada em alguma ordem para que os usuários possam compreender o que está sendo dito. A ordem dada aos elementos é ao mesmo tempo *arbitrária* — sempre sabemos que poderiam ter sido ordenados de modo diferente — e *determinada* por maneiras usuais de fazer as coisas, da mesma forma que os elementos. O arranjo faz narrativas a partir de elementos aleatórios. Comunica noções como causalidade, para que os observadores possam ver a ordem das fotografias na parede de uma galeria ou num livro como significativa, interpretando as fotos anteriores no arranjo como as “condições” que produziram as “consequências” representadas nas posteriores. Quando conto uma história (pessoal, histórica ou sociológica), os ouvintes escutarão os primeiros elementos como “explicações” daqueles que vêm depois: as ações

de um personagem num episódio tornam-se evidências de uma personalidade que se revela mais completamente em episódios posteriores. Os que estudam tabelas e gráficos estatísticos são particularmente sensíveis aos efeitos do arranjo sobre interpretações.

Nenhum produtor de representações da sociedade pode evitar esta questão, pois, como muitos estudos mostraram, os usuários de representações veem ordem e lógica mesmo em arranjos aleatórios de elementos. As pessoas encontram lógica no arranjo de fotografias, quer o fotógrafo tenha pretendido isso ou não, e reagem a tipos como “frívolos”, “sérios” ou “científicos”, independentemente do conteúdo de um texto. Cientistas sociais e estudiosos de metodologia ainda devem tratar isso como um problema sério; o que fazer é uma das coisas que são transmitidas como sabedoria profissional (Edward Tufte, no entanto, dedicou muita atenção à maneira como elementos gráficos, tipográficos e arranjos afetam a interpretação de exposições estatísticas¹³).

INTERPRETAÇÃO: Representações só existem plenamente quando alguém as usa, lê, vê ou ouve, completando a comunicação ao interpretar os resultados e construir para si mesmo uma realidade a partir do que o produtor lhe apresentou. O mapa rodoviário existe quando eu o uso para chegar à próxima cidade, os romances de Dickens, quando os leio e imagino a Inglaterra vitoriana, uma tabela estatística, quando examino e avalio as proposições que sugere. Essas coisas alcançam seu pleno potencial na utilização.

O que os usuários sabem fazer interpretativamente torna-se assim uma importante limitação para o que uma representação pode realizar. Usuários devem saber e ser capazes de utilizar os elementos convencionais e formatos do meio e do gênero. Produtores não podem dar por certo esse conhecimento e capacidade. Estudos históricos mostraram que foi só num momento avançado do século XIX que a maioria dos habitantes dos Estados Unidos adquiriu conhecimentos básicos de aritmética, tornando-se capaz de compreender e realizar as quatro operações.¹⁴ Estudos antropológicos mostram que aquilo que críticos literários como Roland Barthes e Susan Sontag insistem ser o apelo universal ao nosso senso de realidade incorporado em fotografias imóveis e filmes é, ao contrário, uma habilidade aprendida. Campos profissionalizados esperam que os usuários se tornem consumidores instruídos de representações pela formação em escolas de pós-graduação ou profissionalizantes, embora o que se espera que seja conhecido varie de um momento para outro. Departamentos de pós-graduação em sociologia esperam que seus alunos adquiram certo grau de sofisticação estatística (o que deve ser entendido, em parte, como “capacidade de ler fórmulas e tabelas”), mas poucos supõem que seus alunos saibam muito sobre modelos matemáticos.

Os usuários interpretam representações encontrando nelas as respostas para dois tipos de perguntas. Por um lado, querem saber “os fatos”: o que aconteceu na batalha de Bull Run, onde se situam os bairros miseráveis de Los Angeles, qual é a renda média dos subúrbios habitados por colarinhos-brancos, qual era a correlação entre raça, renda e educação nos Estados Unidos em 1980, como é “realmente” ser astronauta. As respostas a perguntas como estas, em todos os níveis de especificidade, ajudam as pessoas a orientar suas ações. Por outro lado, usuários querem respostas para questões morais: não apenas qual a correlação entre raça, educação e renda, mas por que a relação é como é, por culpa de quem e o que deveria ser feito acerca disso. Querem saber se a Guerra Civil, e portanto a batalha de Bull Run, foi “necessária” ou poderia ter sido evitada, se o astronauta John Glenn era o tipo de homem que merecia ser presidente, e assim por diante. Ao exame mais superficial, quase qualquer questão factual acerca da sociedade exhibe uma forte dimensão moral, que explica as frequentes batalhas ferozes ocorridas a propósito de matérias aparentemente pouco importantes de interpretação técnica. Os erros estatísticos de Arthur Jensen na análise dos

resultados de testes de inteligência perturbaram aqueles que não eram estatísticos.

Usuários e produtores

Todos nós agimos como usuários e como produtores de representações, contando histórias e ouvindo-as, fazendo análises causais e lendo-as. Como em qualquer outra relação de serviço, em geral os interesses de produtores e usuários diferem consideravelmente, em particular quando, como acontece tantas vezes, os produtores são profissionais que fazem essas representações em tempo integral, em troca de um pagamento, e os usuários são amadores que as utilizam ocasionalmente, de uma maneira habitual e irrefletida.¹⁵ Os mundos representacionais diferem de acordo com o conjunto de interesses dominante.

Em mundos dominados por produtores, as representações assumem a forma de uma *argumentação*, uma apresentação apenas daquele material que constitui os aspectos que o produtor quer tornar claros, e nada mais (o trabalho atual sobre a retórica da escrita científica, mencionado antes, defende esta ideia). Num mundo profissionalizado de feitura de representação, os produtores em geral controlam as circunstâncias dessa feitura, por todas as razões que Hughes mostrou: o que é fora do comum para a maioria dos usuários de seus resultados é o que eles fazem o dia inteiro. Mesmo que outros tenham um poder substancial, os profissionais sabem tão mais sobre como manipular o processo que conservam grande controle. Usuários poderosos que se dedicam à feitura de representação durante um longo período de tempo aprendem o bastante para superar essa incapacidade, mas isso raramente acontece com usuários casuais. Assim, representações feitas profissionalmente incorporam as escolhas e os interesses dos produtores e, de modo indireto, das pessoas que têm condições de contratá-los, e desse modo podem não mostrar os morros de cuja existência um pedestre gostaria de saber.

Os membros de mundos dominados por usuários, por outro lado, empregam representações como *fichários*, arquivos a serem revistados em busca de respostas para todas as perguntas que qualquer usuário competente possa ter em mente e de informação que se preste a qualquer utilização que os usuários queiram lhe dar. Pense na diferença entre o mapa de ruas que você compra na loja e o mapa detalhado, anotado, que desenhei para lhe mostrar como chegar à *minha* casa, um mapa que leva em conta o tempo de que você dispõe para a viagem, seu possível interesse em ver algumas paisagens interessantes e sua aversão a congestionamentos. Representações leigas são tipicamente mais localizadas e mais atentas aos desejos dos usuários que aquelas feitas por profissionais. De maneira semelhante, instantâneos amadores satisfazem a necessidade que seus produtores de documentos têm para mostrar a um círculo de amigos íntimos que conhecem todos nas fotos, ao passo que as fotografias feitas por jornalistas, artistas e cientistas sociais, orientadas para os padrões de comunidades profissionais, pretendem agradar a seus colegas profissionais e outros observadores altamente instruídos.¹⁶

Alguns artefatos parecem ser *essencialmente* arquivos. Um mapa, afinal, parece ser um simples repositório de fatos geográficos e outros, que os usuários podem consultar para seus próprios objetivos. Na verdade, os mapas podem ser feitos de maneiras diversas, e nenhuma delas é uma simples tradução da realidade, de modo que eles são, num sentido importante, argumentos destinados a persuadir seus usuários de alguma coisa, nem que seja apenas dando tal coisa por certa. Assim, algumas pessoas outrora sem voz afirmam que os mapas que dominam o pensamento mundial são “eurocêtricos”, que as escolhas técnicas que os moldaram levam a resultados que fazem,

arbitrariamente, a Europa e a América do Norte estarem no centro do mundo. Pode-se dizer que esses mapas corporificam o argumento de que a Europa e a América do Norte são “mais importantes” que aqueles outros lugares deslocados para as margens do mapa.

Argumentos e arquivos, no entanto, não são tipos de objetos, mas tipos de usos, maneiras de fazer coisas, e não coisas. Podemos ver isso quando percebemos que os usuários não são impotentes e, de fato, muitas vezes refazem os produtos que lhes são apresentados para que atendam a seus próprios desejos e necessidades. Estudiosos em todos os campos ignoram rotineiramente os argumentos apresentados pelos artigos acadêmicos que citam e apenas saqueiam a literatura em busca de resultados que possam servir a *seus* objetivos. Em suma, usam a literatura não como o corpo de argumentos que seus produtores pretenderam construir, mas como um arquivo de resultados com que responder a perguntas em que os autores originais nunca pensaram. Esse tipo de utilização rebelde de produtos culturais foi estudado em outras áreas: a sociologia da tecnologia,¹⁷ os usos inventivos de jogos digitais e outros fenômenos da internet¹⁸ e estudos culturais. Constance Penley descreveu um grupo bastante grande de mulheres heterossexuais da classe trabalhadora que tinham se apossado dos personagens de *Jornada nas estrelas* para seu próprio trabalho criativo: histórias eróticas homossexuais envolvendo os principais personagens (o capitão Kirk e o dr. Spock eram um casal favorito) e distribuídas pela internet.¹⁹ Em todos esses casos, usuários refaziam completamente o que os produtores tinham pretendido que fosse uma comunicação de mão única, transformando-a em matéria-prima para suas próprias construções, feitas para seus propósitos e aplicações. Usuários sempre podem se apossar das coisas dessa maneira.

E então?

O que eu disse implica uma visão realista do conhecimento, pelo menos neste grau: o modo como fazemos perguntas e o modo como formulamos respostas podem ser muito diversificados — os vários exemplos que citei atestam isso —, e não há uma forma garantida de escolher entre eles, já que todos são bons para transmitir alguma coisa. A mesma realidade pode ser descrita de muitas maneiras, já que as descrições podem ser respostas para qualquer uma entre as diversas perguntas. Podemos concordar em princípio que nossos procedimentos devem nos deixar obter a mesma resposta para a mesma pergunta, mas de fato só fazemos a mesma pergunta quando as circunstâncias de interação social e organização produziram consenso em relação ao que constitui uma “boa pergunta”. Isso não acontece com muita frequência, somente quando as condições em que as pessoas vivem levam-nas a ver certos problemas como comuns, como se exigissem rotineiramente certos tipos de representações da realidade social, levando assim ao desenvolvimento de profissões e ofícios que produzem essas representações para uso rotineiro.

Desse modo, algumas questões são formuladas e respondidas, enquanto outras, igualmente boas, interessantes, meritórias e até cientificamente importantes, são ignoradas, pelo menos até que a sociedade mude o suficiente para que as pessoas que precisam delas venham a controlar os recursos que lhes permitirão obter uma resposta. Até lá, os pedestres continuarão a ser surpreendidos pelos morros de São Francisco.